

## A fé em Javé somente e a ausência de imagens

Haroldo Reimer

A religião de Israel foi se tornando gradativamente uma religião que, ao lado da adoração exclusiva a Javé, tem na ausência de imagens uma de suas marcas constitutivas.

A tendência à adoração exclusiva a Javé é, na história religiosa do antigo Israel, um ponto que marca o surgimento, o desenvolvimento e as releituras de palavras e textos. Os profetas são peças fundamentais neste processo; são como parteiros da fé exclusiva em Javé. Sempre se deve ressaltar que os profetas, em suas críticas sociais, têm os empobrecidos como o seu ponto de referência. E nisso reside a sua grande importância. Suas palavras e seus textos, porém, se tornaram importantes para ir moldando uma fé que toma o Deus Javé como o centro e o afirma como sendo o Deus verdadeiro. Outras expressões religiosas e suas divindades vão sendo desqualificadas neste processo. Assim, por exemplo, o deus El, a deusa Aserá, a Rainha dos Céus, vão sendo considerados como concorrentes e contrários a Javé. Outros deuses vão sendo considerados inferiores, subalternos e até 'do mal', havendo, assim, um processo de 'diabolização'. No texto de Os 13, a polêmica é novamente contra o deus Baal. Teologicamente, os textos religiosos de Israel vão orientando a fé das pessoas somente para Javé. Assim, em torno do ano 400 a .C., a religião judaica está basicamente formada e moldada, tendo o monoteísmo como seu elemento marcante.

A religião de Israel vai se tornando ao longo da história uma religião sem imagens. Dentro do decálogo bíblico, em Ex 20,1-17 e Dt 5,1-21, o segundo mandamento proíbe explicitamente a fabricação e manutenção de qualquer tipo de imagem retratando Javé ou outros deuses. Na história do povo de Israel, porém, nem sempre as coisas foram assim. As escavações arqueológicas em Israel mostram muito bem como no dia-a-dia as pessoas israelitas lidavam com imagens. Em amuletos, anéis, e mesmo no templo em Jerusalém havia imagens. No Reino do Norte eram tradicionais as imagens dos bezerros, retratando o Deus Javé e mantendo certo sincretismo com expressões religiosas egípcias. Nos inícios, as imagens eram fortemente relacionadas com divindades ligadas com a terra. Cada vez mais, foi-se enfatizando a transcendência de Deus. Javé era visto cada vez mais como um Deus ligado aos céus. Foi no decorrer do século 7 a .C., marcada pela reforma do rei Josias, que a prática da fabricação e do uso de imagens passou a ser oficialmente considerada tabu. A experiência do exílio ressaltou a ênfase na ausência de imagens. Deste modo, quando no século 5 a .C. ocorre a coleção de muitos escritos que hoje formam o Antigo Testamento, já estava relativamente aceita a idéia teológica de que Javé é único e que ele deve ser adorado sem imagens. Neste processo todo, palavras e textos de Oséias deram a sua contribuição. Junto com outros profetas, Oséias já expressa a crítica às imagens e à reverência a outros deuses.

Essa fé em Javé como o Deus único e sem imagens, em geral, é teologicamente fundamentada na experiência do êxodo. O êxodo é fundamental para a existência, para a fé e para a teologia do povo de Israel. No Livro de Oséias, como em tantas passagens da Bíblia, o tema do Êxodo constitui o próprio jeito de ser de Javé. A relação de exclusividade da parte de Javé para com Israel, a aliança ou eleição estão fundadas teologicamente no amor primeiro de Javé por este Israel. Por isso, o profeta Oséias pode dizer: "Eu te conheci no deserto, em uma terra árida" (Os 13,5). Aos olhos de Oséias, a desgraça do povo do Reino do Norte virá como consequência de sua relação com outros deuses e por causa do uso de imagens. Na ótica de Oséias, também a estrutura do reinado, com o rei, seu exército e militarismo, constituem fatores que agravam a "falta de Efraim". Aos olhos de Oséias, salvação há somente em Javé e a esperança para o futuro deve passar por um processo de conversão a este Deus, considerado a fonte da vida.